

Da utopia épica da construção à crueza dos jogos de poder e das desigualdades sociais, séries e minisséries revelam uma capital que transcende os telejornais e ganha vida no imaginário nacional

POR PATRICK SELVATTI

É raro, mas Brasília foi cenário de algumas produções da teledramaturgia brasileira, especialmente em séries de televisão e de streaming. Neste aniversário de 66 anos, a *Revista do Correio* se propõe a mostrar que, ainda que bissexta, a presença da capital federal transcende a mera escolha estética, mas atua como um espelho das ambições, contradições e da própria identidade nacional.

Ao longo das décadas, o “quadrado” deixou, algumas vezes, de ser apenas o pano de fundo dos telejornais para se consolidar como um cenário fértil, onde a arquitetura modernista de Oscar Niemeyer e o horizonte vasto do Cerrado moldam o caráter e o destino de personagens memoráveis.

O pilar fundamental dessa construção narrativa é a minissérie da TV Globo *JK* (2006), de Maria Adelaide Amaral e Alcides Nogueira. Nela, Brasília é apresentada em sua forma mais pura e épica: o nascimento de uma utopia. Por meio da interpretação magistral de José Wilker como Juscelino Kubitschek, Marília Pêra como Sarah, Andréa Horta como Márcia, Paulo Goulart como Israel Pinheiro e Rodrigo Penna como Oscar Niemeyer, o público testemunhou, ao longo dos capítulos, a transferência do poder para o Planalto Central. Da construção aos primeiros anos da nova capital.

Sob a direção de Dennis Carvalho, a obra mostrou os monumentos arquitetônicos, mas também mergulhou na poeira vermelha para mostrar que a capital foi erguida por mãos como as de Lilian Gonçalves (Mariana Ximenes) e de Gaúcho (Cássio Gabus Mendes), simbolizando os candangos que trocaram o conforto pelo sonho de uma nova nação. Em *JK*, a cidade é um organismo vivo em formação, em que o Catetinho não era apenas uma residência provisória, mas o símbolo da resiliência de um governo que decidiu olhar para o interior do país.

Anos mais tarde, em 2015, essa mesma Brasília, agora consolidada e imponente, serviu de palco para o cinismo e a sofisticação de *Felizes para sempre?*, minissérie de Euclides Marinho. Sob a direção de Fernando Meirelles, a cidade foi filmada como um aquário de vidro, no qual a transparência da arquitetura ironizava a opacidade das relações humanas. A personagem Denise/Danny Bond (Paolla Oliveira)



Brasília, cenário de FICÇÃO

tornou-se o ícone visual dessa obra, caminhando com uma sensualidade gélida pelas curvas do Setor Hoteleiro e pelas mansões do Lago Sul. Ao lado dela, o empreiteiro Cláudio (Enrique Diaz) personificou a face mais obscura do poder local: o lobby, os acordos de bastidores e a frieza de uma elite que habita uma cidade planejada, mas emocionalmente caótica.

Entre pilotis e cobogós, a trama se aprofunda nos dilemas éticos de outros casais que orbitam esse cenário monumental, como Marília (Maria Fernanda Cândido), que vive o sufocamento de um casamento de aparências sob a luz meridiana do Planalto. Há ainda o peso da lei personificado em Hugo (João Miguel) e Tânia (Adriana Esteves), que revelam como

o moralismo e a corrupção doméstica se infiltram nas instituições. Aqui, Brasília é retratada como um labirinto de concreto em que o desejo e a traição se cruzam sob a luz estéril dos monumentos.

A capital também se tornou o centro nevrálgico das grandes decisões ambientais e éticas na série *Aruanas* (2019-2021). Na segunda temporada, a trama desloca-se estrategicamente para Brasília, onde o lobby político se torna o principal antagonista das ativistas da ONG Aruana. Por meio de personagens como Luíza (Leandra Leal), Natalie (Débora Falabella) e Verônica (Taís Araújo), a série utiliza os corredores do Congresso Nacional e os gabinetes ministeriais para mostrar a capital como um campo de batalha jurídico e político.

A presença de figuras como o articulador Théo (Daniel de Oliveira) e a poderosa e ambígua Olga